

RACISMO, DIGNIDADE HUMANA E DIREITOS HUMANOS

RACISM, HUMAN DIGNITY AND HUMAN RIGHTS

Maycon Emmanuel de Matos Oliveira¹

Clóvis Jair Prunzel²

Resumo: O tópico principal do presente artigo é uma discussão sobre o conceito de racismo e suas eventuais implicações, no âmbito eclesial e na sociedade em geral. A pesquisa focou principalmente na reflexão acerca da questão do racismo diante da realidade da dignidade humana, intrínseca ao ser humano enquanto criatura de Deus, abordando o tema em basicamente três nichos: a argumentação dentro da área da bioética, da hermenêutica bíblica e o posicionamento da Igreja Luterana frente à questão. Esta investigação é de cunho qualitativo e de natureza descritiva e exploratória. Como procedimento técnico de investigação foi usada a pesquisa bibliográfica. Os resultados da investigação apontam para uma reflexão a respeito dos conceitos vinculados à questão do racismo e o consequente questionamento da legitimidade do mesmo, frente ao posicionamento bíblico e a ética cristã favoráveis à dignidade humana de forma imparcial.

1 Bacharel em Teologia (2017) e pós-graduado em Teologia (2019) pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

2 Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo (1991). Mestrado em Teologia, Seminário Concórdia (1997). Doutorado em Teologia Sistemática, Concordia Theological Seminary, Fort Wayne, EUA (2014).

Palavras-chave: Racismo. Eugenia. Hermenêutica. Dignidade. Lutero.

Abstract: The main topic of this article is a discussion on the concept of racism and its possible implications, in the ecclesial sphere and in society in general. The research focused mainly on the reflection on the issue of racism in face of the reality of human dignity, intrinsic to the human being as a creature of God, approaching the theme in basically three niches: the argumentation within the area of bioethics, biblical hermeneutics and the positioning of the Lutheran Church on the issue. This investigation is of a qualitative nature and of a descriptive and exploratory nature. As a technical investigation procedure, bibliographic research was used. The results of the investigation point to a reflection on the concepts linked to the issue of racism and the consequent questioning of its legitimacy, in view of the biblical positioning and Christian ethics favorable to human dignity in an impartial way.

Keywords: Racism. Eugenics. Hermeneutics. Dignity. Luther.

INTRODUÇÃO

O racismo se manifestou em épocas mais recentes, por exemplo, como antissemitismo na Alemanha nazista. Hitler atribuiu valor absoluto na Alemanha à origem e à cultura nórdicas e, com isso, apropriou-se de uma forma de eleição humanamente inventada. Agindo assim, desprezou a imagem de Deus presente em homens e mulheres e elevou diabolicamente uma raça como superior às demais. O racismo assume muitas formas diferentes, mas cada tentativa é autodestrutiva e viola diretamente o que Deus nos ensina. Na história recente, era negado aos afro-americanos o mesmo acesso à educação, ao emprego, ao direito de votar e ao uso de estabelecimentos públicos. Mas nenhuma postura arrogante desse tipo, de uma raça em relação à outra, constitui um fenômeno distintamente recente; ela pode ser encontrada ao longo das páginas da história em quase todas as culturas do passado (KAISER, 2015, p.40-41).

Os cristãos, contudo, são severamente advertidos a não participar de atitudes semelhantes a essas. Embora existam diferenças de tonalidade

da pele, tipo e cor de cabelos ou formato e cor dos olhos, não há diferença entre os vários povos na Terra no que se refere ao seu valor e dignidade diante de Deus. Além do que, nenhuma dessas diferenças serve de base para que um grupo de pessoas seja declarado superior ou inferior a outro. A própria Bíblia menciona de modo coerente uma única raça humana. Ela afirma que Deus fez “de um só sangue todas as nações dos homens” (At 17.26) (KAISER, 2015, p.41, grifo nosso).

Neste artigo, o tema do “racismo” é tratado em três momentos. Partindo de dados advindos de pesquisas na área de bioética, para a então argumentação bíblica presente em algumas escolas de pensamento, primeiramente a dos que argumentam a favor do racismo praticado contra afrodescendentes, a partir de uma interpretação do relato de Noé e Cam em Gênesis 9, bem como a resposta a essa interpretação, advinda da teologia da assim chamada hermenêutica negra. E, por fim, o posicionamento da Igreja Luterana sobre o tema.

RAÇA E RACISMO: UMA CONCEITUAÇÃO INTRODUTÓRIA

Algo de importância fundamental que deve ser observado ao se falar sobre o racismo, é a definição do próprio termo “raça”.³ Segundo o *Dicionário Aurélio* (1999), o conceito de raça refere-se ao:

Conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, a conformação do crânio e do rosto, o tipo de cabelo, etc., são semelhantes e se transmitem por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo. Ou como uso restrito da Antropologia, referente a cada uma das grandes subdivisões da espécie humana, e que supostamente constitui uma unidade relativamente separada e distinta, com características biológicas e organização genética próprias. [...] Como conceito antropológico, sofreu numerosas e fortes críticas, pois a diversidade genética da humanidade parece apresentar-se num contínuo, e não com uma distribuição em grupos isoláveis, e as explicações que recorrem à noção de raça não respondem satisfatoriamente às questões colo-

3 Para um panorama de definições acerca do termo “raça” no cenário brasileiro, cf: SOUZA, Simone Maria de. *O Conceito de Raça na Sociologia Contemporânea*. 2011.

cadadas pelas variações culturais. Pode ser utilizado ainda, como o conjunto dos ascendentes e descendentes de uma família, uma tribo ou um povo, que se origina de um tronco comum (FERREIRA, 1999, p.1695).

Posto isso, cabe aqui também o conceito de “raça” lembrado por Ziraldo (2005), em seu livro de crônicas *O aspite: há um jeito pra tudo*, também citado pelo *Dicionário Michaelis*:⁴ [A noção de raça é bastante discutível, pois deve-se considerar com mais relevância a proximidade cultural do que o aspecto racial.]: “Não seja preconceituoso. Raça é uma só: a raça humana! [...] A raça humana se divide, meu senhor, em etnias: a etnia negra, a etnia branca e a etnia amarela etc.”. Seguindo essa linha de pensamento, o que na maioria das vezes se quer dizer com “raça” pode ser melhor definido utilizando o termo “etnia”.

Consequentemente, como coloca Souza (2011), derivada do conceito de “raça” surgiu a palavra racial, que é relativa à raça; rácico, e o então eminente termo: “racismo”, que segundo o *Dicionário Aurélio* se refere a

[...] qualquer doutrina que sustenta a superioridade biológica cultural e/ou moral de determinada população, povo ou grupo social considerado como raça. E, racista, a “pessoa que tem ou manifesta sentimento de superioridade ou de agressividade, ger. de natureza preconceituosa e discriminatória, em relação a indivíduos de outra(s) raça(s), ou de povos ou de grupos considerados racialmente distintos (FERREIRA, 1999, p.1696).

O ARGUMENTO BIOLÓGICO

Westphal, em seu livro *Ciência e bioética: um olhar teológico*, traz alguns dados históricos a respeito da questão ética, se é lícito fazer o mal aos seres humanos, em uma parcela menor, por meio da pesquisa e de procedimentos médicos, em prol da busca por benefícios para uma grande parcela da humanidade. Algo que efetivamente ocorreu nos labo-

4 Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=nekKq>>. Acesso em: 7 out.2019.

ratórios de experimentos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, e que gerou uma distinção entre “raças”, como justificativa para esses experimentos:

Os institutos nos Estados Unidos faziam as mesmas pesquisas desde o início do século XX, mas somente foram descobertas em 1974. Em ambos os países, os cientistas resolveram determinar quem são as pessoas que podem ser consideradas dignas e quem são as indignas. A partir do melhor conhecimento científico da época, definiu-se, na Alemanha, que alemães descendentes de judeus, adversários políticos, ciganos e outras etnias fossem considerados sub-raça. Portanto, seriam considerados uma fonte extraordinária para a pesquisa em sua forma mais mórbida. O objetivo desses pesquisadores era o mais nobre possível: trazer benefícios para a humanidade. Em nome do benefício, criou-se a mais eficiente máquina de matar em massa que a humanidade já conheceu, que foi o sistema político, científico, cultural, econômico e social nazista (WESTPHAL, 2009, p.30-31, grifo nosso).

O interessante é que tal distinção não surgiu de um dado científico, mas antes, como um pretexto, em prol da pesquisa científica. No entanto, de acordo com Kaiser, os fatores que compõem a distinção de raças são secundários e estão mais relacionados à cor da pele, às origens culturais e às características de traços físicos, habilidades, línguas e hereditariedade do que a qualquer critério real que possa ser avaliado cientificamente (2015, p.40). Assim, como Kerby Anderson observa:

Raça também é, em grande medida, um termo impreciso, porque não está baseado em dados científicos. Pessoas de todas as raças podem se miscigenar e gerar descendência fértil. Consequentemente, as chamadas diferenças entre as raças não são tão significativas. Um estudo de material genético humano de diferentes raças concluiu que o DNA de quaisquer duas pessoas no mundo apresentaria uma diferença de apenas dois décimos de 1%.⁵ E dessa variação, somente 6% pode estar relacionado a categorias raciais. Os restantes 94% se referem a variações “dentro da raça”

5 Os principais dados estatísticos aqui são de J. C. Gutin, “End of the rainbow”, *Discover*, Novembro 1994, p.71-4.

[...] Em outras palavras, da perspectiva científica, todas as diferenças raciais são estatisticamente insignificantes. Essas distinções são triviais se considerarmos os 3 bilhões de pares básicos de DNA humano (ANDERSON, 2005, p.174 apud KAISER, 2015, p.40, grifo nosso).

Partindo desse argumento, nem mesmo a eugenia liberal,⁶ a busca da raça humana sem defeitos genéticos, determinada pelos interesses do mercado (WESTPHAL, 2009, p.98), é justificável, pois os próprios dados científicos demonstram que as próprias diferenças étnicas/raciais são insignificantes ou mesmo efêmeras.

ALGUMAS IMPLICAÇÕES NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA

Com poucas exceções, os escravos negros trazidos para a América não foram convertidos ao cristianismo. Por quase um século, muitos escravistas se recusaram a deixar os escravos negros receberem instrução religiosa, porque pensavam que um cristão batizado não podia ser segurado como escravo. Mas quando teólogos, políticos e as cortes afirmaram, por volta de 1700, que conversão ao cristianismo não era incompatível com o estado terrestre de escravo, escravistas se esforçaram para providenciar ensino religioso e um espaço de louvor para os escravos, ou pelo menos, não fizeram nada para impedir o trabalho missionário entre eles. O motivo principal era, sem dúvida, o fato de preservar os escravos humildes, tímidos e obedientes (MYRDAL, Gunnar, 1944, p.859 apud NASH, 1999, p.157-158).

De acordo com Nash (199, p.158), iniciou-se um estado que caracterizou as igrejas norte-americanas nesse período: os escravos participavam em cultos distintos e separados dos escravistas. Quando não havia

6 Cf. HABERMAS, Jürgen. *O futuro da natureza humana: o caminho de uma eugenia liberal?* São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.59-67. Cf. BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior.* São Paulo: A Girafa, 2003. O autor investigou, com a colaboração de mais de 50 pesquisadores em todo o mundo, a documentação sobre as pesquisas feitas pela ciência genética. Sua tese é que a eugenia está no cerne das pesquisas biotecnológicas, em especial as pesquisas com embriões humanos. O interesse fundamental das pesquisas é de ordem econômica (grifo nosso).

outra forma de fazê-lo, os negros ficavam atrás, no fundo, ao redor, nas periferias ou, em alguns casos, na galeria da parte superior do templo, e os patrões, por sua vez, ocupavam os espaços mais próximos ao altar e ao centro do culto.

Posteriormente, “recusando-se a continuar sendo irmãos de segundo grau dentro da casa do Senhor”, a reação à escravidão e o racismo nos EUA por parte dos negros deu à luz a uma teologia negra, que veio a ser a base da Teologia da Libertação negra, e, por conseguinte, construíram uma nova leitura bíblica, que veio a ser conhecida como a hermenêutica negra. Nash destaca quatro marcas ou características dela:

A primeira é uma ligação ou um compromisso com uma comunidade negra; a segunda é que a HN é claramente cristã, mas aberta ao diálogo com outros tipos de fé que se acham nas comunidades negras, principalmente nos Estados Unidos islã; a terceira é um compromisso com a libertação de todos os povos, mas com uma prioridade na libertação dos que sofrem por causa do preconceito racial contra negros combinado com um poder qualquer para afetar, direcionar ou influenciar a vida dos negros, ou, mais simples, as vítimas de racismo. A quarta característica demonstra um equilíbrio entre a academia e sabedoria de pelo menos uma tradição negra (NASH, 1999, p.165).

Os intérpretes negros, em geral, que têm sido objeto de racismo e segregação, fundamentam-se na confiança de que “Deus é o Deus de todos os povos do mundo, com paixão para recolher cada um e cada uma no peito celestial. Na convivência negra, um impedimento principal da plena recepção da graça de Deus é o racismo” (NASH, 1999, p.167). O que demonstra que o conceito de racismo é muito mais amplo e profundo do que a opinião de senso comum ilustra:

Entre os negros nos EUA, a palavra ou conceito do racismo é distinto do sentimento preconceituoso. O preconceito é uma resposta emocional de uma outra pessoa por causa de alguma característica e pode ser positiva ou negativa. Racismo é a combinação de um preconceito negativo baseado na cor de pele de uma pessoa ligada ao poder formal ou informal de impedir a uma outra de alcançar seus alvos e direitos na vida. Já faz muito tempo que os negros

desistiram de esperar, controlar ou eliminar o preconceito existente no coração norte-americano. Os negros, porém, continuam a batalhar contra o racismo e seus efeitos diretos e indiretos (NASH, 1999, p.166-167).

GÊNESIS 9.18-27

Alguns dos maiores danos à questão ética do racismo são decorrentes da interpretação e do tratamento incorretos da “maldição sobre Canaã” em Gênesis 9.18-27. Na verdade, esse texto com frequência é atribuído à “maldição contra Cam”, e, por sua vez, ligada à etnia africana. Kaiser, entretanto, afirma que “o mesmo não oferece justificativa alguma para a alegação ridícula de que, com essa maldição, os africanos foram eternamente condenados por Deus!”. Um exame cuidadoso do texto revela definitivamente que essa alegação não está presente nele:

É extremamente embaraçoso relatar que, em uma época tão recente quanto o último século, era comum algumas igrejas e alguns textos de escola dominical ensinarem que a razão para a pele dos afro-americanos ser negra era a maldição de Cam e seus descendentes. Esse ensinamento prepotente era utilizado no século XIX para justificar a escravidão e todos os tipos de discriminação racial, para a vergonha de muitas igrejas. Não há palavras duras o suficiente para reprovar de maneira apropriada a atribuição de um sentido tão equivocado a esse texto. A Bíblia não ensina tal ideia, e a passagem das Escrituras não sustentará essa exegese infeliz (KAISER, 2015, p.41)

Em Gênesis 9.20, Noé é apresentado como um agricultor que havia plantado uma vinha. “Como novo produtor de vinhos, ao que tudo indica, ele havia bebido demais e, conseqüentemente, ficou embriagado (v.21). O resultado foi que ele ficou nu dentro da sua tenda” (v.21b) (KAISER, 2015, p.41). Contudo, “o texto de Gênesis não se detém em analisar eticamente sua bebedeira, aprovando-a ou reprovando-a, como muitas vezes ocorre em diversas narrativas semelhantes das Escrituras” (KAISER, 2015, p.41).

Como afirma Kaiser, “o ofensor de nossa história é Cam, mas ele também é imediatamente identificado como o ‘pai de Canaã’. Esta foi a

sua ofensa: ele ‘viu a nudez do pai e contou a seus dois irmãos, que estavam do lado de fora’ (v.22)”.

Nesta passagem, o ato de Noé de se “descobrir” é comparado ao ato de “ver”. Embora alguns intérpretes judeus pensassem se tratar de algum tipo de eufemismo para castração ou até sodomia, não há nada que apoie essas interpretações, exceto o verbo hebraico traduzido por “havia feito” (v. 24), que não permite extrapolar muito em sua interpretação. Outros tentaram sugerir, com base nos usos de *gālâ*, “descobrir”, e “ver” (hebr., *râ’á*), que Cam havia dormido com sua mãe e ela, em decorrência disso, gerou Canaã. No entanto, essa perspectiva parece não corresponder ao fato de que os dois irmãos de Cam, Sem e Jafê, “andando de costas” com os rostos virados, “cobriram a nudez do pai” (v. 23). Ambos agiram de forma honrada e louvável nessa questão (2015, p. 42-43).

Noé, quando recobrou sua sobriedade e, de algum modo (o texto não relata como), soube “o que seu filho caçula [Cam] lhe havia feito” (v.24), disse: “Maldito seja Canaã!” (v.25). “Aqui está um enigma da passagem: ‘Por que Canaã foi amaldiçoado, se seu pai, Cam, foi quem praticou a ação, qualquer que tenha sido ela?’⁷. Isso não nos é informado diretamente” (KAISER, 2015, p. 43). Canaã, por conseguinte, é identificado em Gênesis 10.6, supostamente, como o filho mais jovem de Cam. Sua descendência é relatada em mais detalhes nos versículos 15-19. Por conseguinte, era esse Canaã quem deveria ser “escravo de escravos” (hebr., *‘ebed ‘ăbādîm*, Gn 9.25).

Mas qual foi a relação de causa entre o ato do pai, Cam, e essa maldição sobre seu filho mais novo, Canaã? Apenas nos resta fazer suposições com base no que ocorreu nos séculos subsequentes na terra de Canaã. É um fato bastante conhecido que, em qualquer lugar em que arqueólogos tenham escavado as camadas de terra pertencentes aos cananeus primitivos, especialmente até a época da Conquista hebraica da terra sob o comando de Josué, foram encontradas centenas de peças de cerâmica usadas para ritos de fer-

7 Cf. a interpretação de Lutero acerca dessa questão: LUTERO, Martinho. *Luther Works*, vol. 2: *Lectures on Genesis – Chapters 6–14*. (J. J. Pelikan, D. E. Poellot, Orgs.; G. V. Schick, Tran.). Concordia Publishing House: Saint Louis, Missouri, 1960.

tilidade, todas com as partes sexuais de figuras femininas ressaltadas (e ocasionalmente também foram achadas estátuas da forma masculina nua). Talvez fosse o caso de que Noé tivesse percebido que Canaã, como costumamos dizer, “puxou o pai”, manifestando as mesmas perversões sexuais de seu pai, Cam⁸. Finalmente, depois de cerca de dois milênios de espera para ver se haveria algum arrependimento e mudança, Deus acabou transferindo a terra de Canaã para Israel, pois, àquela altura, o “cálice da iniquidade” dos cananeus (e amorreus) havia “atingido a medida completa” (Gn 15.16) (KAISER, 2015, p. 43).

Desse modo, o juízo recaiu sobre os ocupantes da terra de Canaã, que acabou sendo concedida a Israel depois do Êxodo do Egito. No entanto, como Kaiser afirma, “esse texto não pode ser usado de forma alguma para pressupor ou ensinar diretamente o juízo de Deus sobre qualquer pessoa da África”.

Se essa ideia estivesse de algum modo próxima do ensinamento correto, a maldição deveria ter indicado um ou mais dos outros três filhos de Cam, que eram “Cuxe” (hebr., *kúsh*), possivelmente a “Etiópia”, o “Egito” (hebr., *mitsrayim*), ou “Pute” (hebr., *pût*), que se refere ao norte da África. Canaã, no entanto, é o ocupante conhecido do que se tornou a Terra Santa propriamente dita (2015, p.43-44).

Segundo Kidner, “a Bíblia mantém sua ênfase, tanto na unidade da humanidade, como os oráculos proféticos sobre os gentios o demonstram, quanto nas especializações que há dentro daquela unidade”. Contudo, como ele afirma, “os papéis raciais são invalidados no Novo Testamento”, “onde não pode haver grego nem judeu, ... bárbaro, cita, escravo, livre, porém Cristo é tudo e em todos” (Cl 3.11). Portanto, qualquer tentativa de graduar os ramos da humanidade apelando para Gênesis 9.25-27 é uma “reconstrução daquilo que Deus demoliu, comparável àquela pela qual Paulo censurou Pedro, em Gálatas 2.18” (1991, p.96).

⁸ Kaiser faz uma boa leitura, contudo detecta somente o “pecado atual”, que reflete antes de tudo a idolatria do povo cananeu.

UM CONTRAPONTO: NÚMEROS 12.1-15

Segundo Nash (1999, p.167), de uma argumentação baseada no apoio à moralidade da escravatura pressuposta da maldição de Cam em Gênesis 9, surgiram alguns erros. Dentre eles, está a prepotência extraordinária de eleger os povos semíticos como sendo donos ou superiores dos escravos e servos. Além de ser, segundo ele, uma leitura que não faz levar a sério a situação de escravatura ou servidão no contexto do Antigo Testamento, mas que antes, inventou uma escravatura que serviu às propostas da época e procurou apoiá-las. Consequentemente, ligado a este último, está o importante e, por muitas vezes negligenciado, fato de que esta leitura superficial não levou a sério os textos que mostram a alta estimam com que Deus (ou pelo menos a tradição hebraica) sustentou e guardou os povos africanos. Os “exegetas” brancos aceitaram uma maldição que fez dos negros os subalternos dos brancos, mas nunca levaram a sério uma maldição que colocou que o ser branco foi um julgamento negativo, uma pena outorgada pelo próprio Deus a Miriã (e Arão) por terem falado contra Moisés, por causa da mulher cuxita (etíope) que tomara (veja Números 12).

Gordon J. Wenhan, ao comentar os versos 9 e 10 do capítulo 12 de Números, destaca que a doença que atingiu Miriã, não é exatamente a “lepra”,⁹ no sentido que conhecemos hoje, a saber a doença de Hansen ou hanseníase, mas antes, tem um sentido mais amplo:

Pela sua linguagem sacrílega, Miriã contraiu “lepra” (cf. 2 Re 5.27; 2 Cr 26.19). [...] Embora “lepra” seja a tradução tradicional da raiz hebraica *sāra*’, ela não é exata. A verdadeira lepra (mal de Hansen, morfeia) só alcançou o Oriente Médio na época neo-testamentária, senão depois. E também, a verdadeira lepra não desaparece espontaneamente, como as várias queixas relacionadas em 13-14 podem desaparecer. Pelo contrário, a lepra bíblica é um estado patológico

9 Igualmente, a *Bíblia de Estudo NAA*, (p.208) ao comentar o texto de Levítico 13, afirma que o termo hebraico *tsara’at*, traduzido tradicionalmente por “lepra”, poderia incluir muitas doenças de pele, tais como psoríase, urticária, favus (que produz crostas em forma de favo de mel), e leucodema (que produz manchas brancas sobre a pele). O que hoje é chamado de lepra (hanseníase) era desconhecido no Oriente Médio na época de Levítico. Referências claras à doença não ocorrem até o primeiro milênio antes de Cristo.

em que a pele se manifesta manchada e escamada, como a psoríase ou a eczema. Pode ser que as escamas que soltam camadas da pele associadas com tais estados patológicos motivem a comparação com a neve e com um recém-nascido (1985, p.120).

Contudo, o que aqui não se quer fazer é justificar o racismo contra a etnia “branca”, aliás, da mesma forma que no caso de Cam, a exegese nem o permite. Antes o que se quer mostrar é o fato de que assim como em Números 12.1-15, em Gênesis 9.18-27 a maldição não está ligada à cor da pele, mas antes à blasfêmia contra Deus.

O PONTO DE LUTERO

Lutero, por sua vez, ao comentar o trecho de Gênesis 9, que se refere ao ocorrido entre Noé e seus filhos, não trata desse texto a partir de uma abordagem racial ou etnocêntrica. O aspecto étnico está presente, mas não é o que define as ações mostradas no texto. Lutero visualiza, antes de tudo, o desprezo dos mandamentos e da vontade de Deus por parte de Cam, no momento em que este despreza e não dá a devida honra ao seu pai, Noé.

Assim, Cam parecia sábio e santo para si mesmo e, em seu próprio julgamento, considerava muitas coisas que seu pai havia feito como más ou tolas. Isso aponta para um coração que despreza não apenas seus pais, mas também os mandamentos de Deus. Portanto, nada resta para o filho perverso, exceto esperar por uma oportunidade que ele possa usar como evidência para trazer a tolice de seu pai à atenção do público. Por isso, ele não ri de seu pai bêbado como uma criança, nem convoca seus irmãos como se para uma visão risível. Ele quer que isso seja uma evidência conclusiva de que Deus abandonou seu pai e aceitou Cam. Ele divulga alegremente esse pecado entre outras pessoas; [...] (LUTERO, 1960, p.168, tradução nossa).

E Lutero segue, mostrando que esse desprezo, essa perversidade é característica do pecado original; que torna os homens arrogantes, orgulhosos e sábios além da medida: “o pecado original não deixa Cam ficar

dentro desses limites. Portanto, ele arrogantemente vai além de seu direito de pronunciar julgamento sobre seu pai” (1960, p.168, tradução nossa).

Mas por todas essas conquistas reais Moisés passa e não toca nelas com uma única palavra. Este único fato ele registra: como Noé ficou bêbado e foi ridicularizado por seu filho mais novo, como um excelente exemplo a partir do qual o piedoso pode aprender a confiar na misericórdia de Deus. Por outro lado, o orgulhoso, o pretense religioso e os sabichões devem aprender a temer a Deus e abster-se de julgar os outros precipitadamente. Porque Deus é maravilhoso no trato com Seus santos, como diz o rei Manassés, e terrível “contra os ímpios e pecadores” (Pr. of Man 5). Isso é o que o exemplo de Cam revela; esta não foi a primeira vez que ele se desviou, mas ele alimentou esse ódio contra seu pai por um longo tempo e, mais tarde, encheu o mundo com idolatria (LUTERO, 1960, p.172, tradução nossa, grifo nosso).

O ponto de Lutero é espiritual. Não é uma questão étnica ou racial, mas de bênção ou maldição, como se vê claramente no verso 26. Contudo, Lutero mostra que o texto de Gênesis 9 inverte a lógica do mundo, o que em outros lugares o reformador chama de “subcontrário da fé”, é o que está explícito neste texto: “Cam é amaldiçoado por seu pai, mas ele toma posse da maior parte do mundo e estabelece extensos reinos. Por outro lado, Sem e Jafé são abençoados; mas se você os comparar com Cam, eles e seus descendentes são, realmente, mendigos” (1960, p.175, tradução nossa).

Toda a vida dos piedosos é de fé e esperança. Se alguém levar em consideração a razão ou as realizações e os exemplos do mundo, todos eles representam o contrário. Cam é amaldiçoado, e ainda assim somente ele se torna um senhor; Sem e Jafé são abençoados, mas somente eles suportam as maldições e são afligidos de várias maneiras. Por isso, porque Deus demora tanto com Suas promessas quanto com Suas ameaças, é preciso esperar com fé: “Embora”, como diz Habacuque, “seja lento, ele certamente virá e não tardará” (2.3) (LUTERO, 1960, p.176, tradução nossa).

Assim, diferente da Teologia da Libertação, que defende uma escatologia realizada (NASH, 1999, p.163), com uma ênfase na sobrevivência,

libertação e conquista do direito de participar do Reino de Deus, que já se faz presente aqui no mundo, Lutero espera pelo Reino que já se mostra aqui, (quando o tempo foi cumprido em Cristo) mas que terá a sua forma plena e completa na eternidade:

O que nós, pessoas miseráveis e oprimidas, devemos fazer? Enquanto isso, confortamos nossos corações com a nossa soberania espiritual, isto é, com o nosso conhecimento de que temos o perdão dos pecados e um Deus que foi reconciliado por causa de Cristo, até que no Último Dia a libertação do corpo também venha. Ainda assim, nós experimentamos uma pequena parte da libertação do corpo, mesmo nesta vida; pois porque os tiranos se opõem obstinadamente ao Evangelho, eles são totalmente exterminados da terra (LUTERO, 1960, p.177, tradução nossa).

O ponto de Lutero é teológico. Bênção ou maldição, condenação ou absolvição, são definidos por estar ligado/ou não ao Deus de Israel, por meio da fé em Cristo:

O procedimento da justiça divina é este, que os piedosos devem ter um reino, mas na fé, e devem estar satisfeitos com a bênção espiritual de que eles têm um Deus reconciliado e uma esperança certa do reino dos céus. Enquanto isso, eles devem deixar a posse dos reinos do mundo para os ímpios até que Deus os espalhe até mesmo fisicamente, embora nos designe herdeiros de todas as coisas por causa de Cristo (LUTERO, 1960, p.177, tradução nossa).

Por último, Lutero, a partir de uma acertada análise do nome de cada um dos filhos de Noé, descreve a sua interpretação. Ele não fala de raças, etnias ou nações, o seu ponto é outro. Lutero mostra que a bênção e maldição proferidas pelo Espírito Santo pela boca de Noé se referem aos ímpios (Cam), gentios (Jafé) e o povo de Deus (Sem).

Esta profecia é surpreendente por causa da notável aptidão das palavras. Noé não abençoa Sem; Ele abençoa o Deus de Sem. Assim, ele dá graças a Deus por ter acarinhado Sem e por tê-lo dotado com a bênção espiritual, a bênção relativa à Semente da mulher. Mas quando ele chega a Jafé, ele não usa a mesma expressão que usou em relação a Sem. Seu propósito óbvio era apontar para o

mistério do qual Paulo fala em Rm 11.11 e Cristo em João 4.22, que a salvação vem dos judeus. No entanto, os gentios também compartilham desta salvação. Pois, embora somente Sem seja a verdadeira raiz e tronco, não obstante os gentios são enxertados neste tronco como um rebento estrangeiro, e eles se tornam participantes da fertilidade e da seiva que estão na árvore escolhida (LUTERO, 1960, p.178-179, tradução nossa).

Contudo, Lutero mostra que até mesmo essa bênção e maldição (que não são só temporais, mas eternas) não são discriminatórias da parte de Deus para com outras etnias e nações, que não a do seu povo. O ponto de Lutero é outro. Ele mostra de novo que, assim como Jafé, que não faz parte de promessa, contudo, recebe igualmente os benefícios dela, que lhe são conferidos pela fé, através da persuasão do evangelho, o que define a filiação com Deus não é uma raça ou etnia, mas a fé em Cristo.

Vemos aqui a razão pela qual os judeus estão tão inchados e orgulhosos. Eles veem que somente seu pai, Sem, tem a promessa da bênção eterna que é por meio de Cristo. Mas então eles erram ao supor que a promessa é recebida como resultado da descendência natural e não como resultado da fé. Paulo trata essa passagem magistralmente em Romanos (9.6) quando diz que os filhos de Abraão não são aqueles que são descendentes de Abraão segundo a carne, mas aqueles que creem como Abraão creu (Gálatas 3.7) (LUTERO, 1960, p.179, tradução nossa).

TIAGO 2.1-13, 25, 26

Kaiser (2015, p.44), além do conteúdo de Gênesis 9, focaliza um ensinamento positivo encontrado no Novo Testamento. “Ali temos uma instrução clara de que homens e mulheres devem evitar tratar os outros com favoritismo ou fazer qualquer tipo de distinção de classe entre diversos grupos de pessoas”.

A Bíblia nos ensina que “agir com parcialidade não é bom” (Pv 28.21), pois “o rico e o pobre têm isto em comum: o Senhor é o Criador de ambos” (Pv 22.2). Moisés, do mesmo modo, ensinou:

“Não pervertam a justiça; não ajam com parcialidade para com os pobres ou favoritismo para com os grandes, mas julguem o seu próximo de modo justo” (Lv 19.15). Em lugar de todas as formas de parcialidade, Tiago considera todos os crentes parte de “nosso glorioso Senhor Jesus Cristo” (Tg 2.1) (KAISER, 2015, p.46).

Ao abordar o capítulo 2 de Tiago, fazendo um paralelo com a lei levítica (Lv 19), Kaiser traz uma ênfase interessante e de grande valia, de modo que desconstrói a imagem de que o Antigo Testamento é escrito em uma perspectiva etnocêntrica. O que Tiago fala no capítulo 2 a respeito da imparcialidade, não é nada mais do que uma repetição daquilo que Moisés já havia registado em Levítico. Isso mostra que ambos são Palavra de Deus e que em ambos o que impera não é a imparcialidade, mas, antes, o amor ao próximo.

O PARECER LUTERANO ACERCA DO RACISMO

A DIGNIDADE HUMANA

O conceito de *imago Dei* é de fundamental importância quando se discute a questão de dignidade humana. Para os luteranos, imagem e semelhança são sinônimos, que podem ser trabalhados em dois aspectos:

1. Há algo que é permanente e natural no ser humano da Imagem de Deus (certas qualidades) até a sua morte. São duas coisas: relacionado à espiritualidade, o ser humano não perdeu a sua ALMA; relacionado a liberdade/capacidade que tem para exercer a sua vontade, de agir, pensar, fazer escolhas, decidir, o ser humano não perdeu a sua RACIONALIDADE. Quando fazemos uso destes aspectos estamos exercendo o direito de agir como CRIATURAS de Deus (Reino da mão esquerda, Reino da criação); 2. Há algo que é original e especial, que foi TOTALMENTE PERDIDO com a queda: um conhecimento claro da vontade de Deus, a capacidade de cumprir totalmente a mesma; a capacidade de exercer total domínio sobre os animais; a imortalidade do corpo (NERBAS, 2015, anotações em aula).

Por conseguinte, a dignidade do ser humano se encontra em dois âmbitos: 1. Criação: dignidade própria (consciência moral, que reflete a lei natural, Rm 1.18-32). 2. Redenção: dignidade alheia, de Cristo, que é atribuída ao ser humano por meio da fé. Somente se esses dois aspectos forem levados em conta, se terá uma análise imparcial e coerente do conceito de dignidade; fora disso, sempre será discriminatória ou eugênica.

VOCAÇÃO E IMPARCIALIDADE

Wingren, diferente de Kaiser, aborda o tema da imparcialidade não a partir da lei de Deus, mas a partir do conceito de vocação. Segundo ele, no que tange à verticalidade, somos cativos à vontade de Deus, contudo essa “catividade” nos torna livres, porque somos cativos do evangelho. Essa liberdade atribuída pelo evangelho, contudo, a exercemos na horizontalidade, de tal modo que, sendo livres, servimos ao próximo no mundo, onde governa a lei. “No céu (na consciência), o evangelho reina; por isso, a liberdade. Mas na terra governa a lei; por esse motivo, a servidão. Pois o batismo liberta não a vida e os bens, mas a alma” (WINGREN, 2006, p.108).

Antes nós tocamos na questão da liberdade em relação a nosso debate sobre os dois reinos, o terreno e o celestial. O homem não tem liberdade no que está “acima” dele, no reino celestial, face a Deus. Ele não apresenta nenhuma obra: aceita apenas aquilo que Deus realiza, é passivo perante Deus. Olhando para cima, o homem só pode crer e orar. Aí a vontade serve continua. Mas naquelas coisas que estão “abaixo” do homem, este é livre, porque perante o homem ele não deve ser meramente passivo ou paciente, mas ativo e atuante. Em relação àquilo que está abaixo dele deve realizar obras, pois a terra é a arena da sua vocação. No céu reina o evangelho; por isso, a vontade serve. Na terra, governa a lei; por isso, a liberdade da vontade (WINGREN, 2006, p.107-108).

Wingren também traz o posicionamento de Lutero, que aparentemente, tem uma linha de pensamento diferente, mas que, segundo ele, ambas se complementam:

[...] o homem interior (consciência) como oposto contra o homem externo (corpo). [...] a consciência expressa a relação com Deus; e o corpo, a relação com o estado terreno, a vocação, o próximo, o mundo. Lutero diz em outra parte que o homem está com a sua vontade limitada perante Deus nas coisas que estão “acima” e livre perante as externas, ou seja, nas coisas que estão “abaixo”. Agora ele diz estar a consciência livre mediante o evangelho, e o corpo cativo através da lei (WINGREN, 2006, p.108).

É desse ponto que Lutero parte, quando, dentre outras coisas, trata da imparcialidade. Esta é movida pela vocação. A partir de uma análise de 1 Coríntios 9.20-22, ele afirma:

Paulo “comia, bebia e vivia com os judeus segundo a lei – mesmo não sendo isso necessário para ele. Com os gentios comia, bebia e vivia sem a lei, assim como eles o faziam. Pois apenas duas coisas são necessárias: fé e amor. Em tudo o mais estás livre para fazer ou deixar. Por isso, deves fazer tudo para o bem de uma pessoa e por causa de outra abster-te de tudo e, assim, tratar imparcialmente a elas todas. Se aparecesse uma pessoa convencida e cega insistindo que uma coisa deve, ou não, ser feita, como era o caso de alguns judeus, que as questões devem ser como ela exige, que os outros devem atender a ela enquanto ela mesma acha não ser preciso atender a ninguém, seria isso não só uma violação da igualdade como também da liberdade cristã e uma distorção da fé. A tal pessoa não se deve ceder, como São Paulo não o fez, pois a liberdade e a verdade devem ser mantidas” (WINGREN, 2006, p.109-110, grifo nosso).

Então Lutero faz uma diferenciação entre a *imitação* e *vocação*. O motivo da primeira, segundo ele, não é servir os outros e perder-se, mas tornar-se tão santo quanto uma pessoa que se conheça. “Na imitação, o objetivo do homem é constantemente centrado sobre si mesmo. Com isso, o objeto procurado é a própria realização da personalidade; e a condição espiritual não tem como fonte a ação do ser humano, mas tem a ação dele como propósito alcançar a condição espiritual”. Por conta disso, ele a considera uma determinação ética deficiente (WINGREN, 2006, p. 193-194). Por sua vez, no coração da ética da *vocação*, está o próximo, e não a santificação individual (WINGREN, 2006, p. 194).

A ação do homem é instrumento para o amor de Deus atingir as outras pessoas. A vida do corpo como um todo está envolvida na atuação de cada membro. No exercício da sua vocação, o homem se torna uma máscara para Deus. É digno de nota que o juízo de Lutero sobre a *imitatio* é negativo; ninguém deve colocar a sua confiança em algo externo, mas agir imparcialmente face a todas as aparências humanas. A vocação do homem, no entanto, ele a apresenta como algo positivo ao dizer que o homem, pelo trabalho e oração, pode servir como máscara de Deus, ser o seu cooperador, mediante o que Deus pode efetuar sua vontade em matérias externas (WINGREN, 2006, p.192, grifo nosso).

A IGREJA LUTERANA E O RACISMO

Segundo informações do site oficial da LCMS,¹⁰ há cerca de 60 anos o tema do racismo é tratado em suas convenções.¹¹ Neste tópico, portanto, dentre os inúmeros documentos que já foram produzidos, por sua amplitude e objetividade com que trata do tema, considerou-se relevante anexar, na íntegra, um documento da igreja, datado de outubro de 1996, *Racism: A Christian Response*.¹²

A resposta cristã ao racismo está centrada no evangelho de Jesus Cristo e é moldada por princípios bíblicos claros.

Deus é o Criador de todos os seres humanos

O apóstolo Paulo falou do “Deus que fez o mundo e tudo nele, sendo o Senhor dos céus e da terra”, declarando que esse Deus é aquele que “de um só fez toda a nação dos homens para viver sobre toda a face da terra ...” (Atos 17.24, 26). Ele proclama que Deus criou de um homem todos os membros da família humana, estabeleceu seu lugar na história humana e deseja que todos o procurem (Atos 17.27). Toda a humanidade deve sua origem ao ato criativo de Deus. Toda e qualquer tentativa de identificar certas pessoas ou grupos como membros inferiores da humanidade é, portanto, uma afronta

10 The Lutheran Church–Missouri Synod.

11 <https://blogs.lcms.org/2019/lcms-convention-passes-resolutions-on-racism-care-for-immigrants-and-gender-identity/>.

12 Cf. texto original e outros artigos sobre o tema em: <<https://www.lcms.org/social-issues/racism>>. Acesso em: 7 out.2019.

blasfema ao nosso Criador. Da mesma forma, quaisquer afirmações de superioridade ou valor comparativo baseadas em diferenças na natureza das pessoas como seres humanos devem ser consideradas uma acusação da obra de Deus como Criador.

A dignidade de todos os seres humanos é dada por Deus, não alcançada ou conquistada

Nem mesmo a queda da humanidade no pecado apagou a afirmação bíblica central, tão eloquentemente resumida por Lutero, que “Deus fez a mim e a todas as criaturas”. Nenhum ser humano, por mais distinto do ponto de vista humano, é menos inteiramente a criatura de Deus do que qualquer outro ser humano, uma vez que todos são criados à Sua imagem (Gênesis 1.26-27; 9.6; cf. Atos 17.25-26).

Na ideologia racista, o mérito ou valor de um indivíduo ou grupo é determinado principalmente, se não apenas, pela origem genética e / ou características biológicas. A raça, biologicamente definida, torna-se a base para tirar conclusões sobre aptidões, habilidades e características da personalidade dos indivíduos, com o objetivo, por sua vez, de fazer declarações sobre o valor comparativo de uma pessoa como ser humano.

As escrituras ensinam, no entanto, que o valor de todos os seres humanos está fundamentado no valor que Deus atribui a eles. O valor de uma pessoa não é determinado por graus observáveis de valor relativo.

Deus criou todos os seres humanos para honrar e servir somente a ele.

Quando Adão e Eva desobedeceram a Deus no jardim, eles sucumbiram à tentação de serem “como Deus” (Gênesis 3.5), rival de Deus. Assim, “o pecado veio ao mundo através de um homem...” (Rm 5.12). A consequência grave é que os descendentes de Adão adoram e servem “a criatura ao invés do Criador...” (Rm 1.25).

O racismo fundamenta a identidade e a segurança da vida humana no eu e não em Deus, na criatura e não no Criador, à parte de quem um ser humano não tem identidade ou segurança. O orgulho autoindulgente da “raça”, portanto, deve ser considerado como idolatria em uma de suas formas mais grosseiras. É uma tentativa de ser “como Deus” (grifo nosso).

Em Jesus Cristo, Deus se tornou um homem e, assim, identificou-se plenamente com todos os membros da família humana.

Sobre Jesus Cristo, o apóstolo João escreveu: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade; vimos a sua glória, glória como do único Filho do Pai” (João 1.14). Ele foi “feito como seus irmãos em todos os aspectos”, exceto pelo pecado (Hb 2.17; cf. 4.15; 5.2). As genealogias de Jesus revelam que Ele está vinculado por laços de parentesco não apenas a Israel, mas a toda a humanidade e que Sua missão abrange toda a humanidade (Mt 1.1-17; Lucas 3.23-28). Qualquer afirmação de que exista algo sobre a natureza de outro ser humano que faça com que essa pessoa seja de valor inferior não apenas nega a doutrina bíblica da criação, mas também questiona o que as Escrituras ensinam sobre a encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Deus enviou seu Filho Jesus Cristo para ser o Salvador de todos os seres humanos, em qualquer nação ou cultura em que possam ser encontrados.

Deus “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos ...” (1Tm 2.4-6). Repetidamente, em Apocalipse, lemos que Deus em Jesus Cristo concluiu Sua obra de salvação para todas as tribos, povos, línguas e nações (Ap 5.8-9; 7.9-10; 11.9; 14.6).

O racismo se opõe ao evangelho revelado nas Escrituras, segundo o qual Deus adquiriu o perdão dos pecados para *todas* as pessoas, declarando, por amor de Cristo, que o mundo foi perdoado. O amor de Deus pelo mundo é indiscriminado e abraça pessoas de todas as culturas.

Jesus Cristo removeu todas as barreiras que se colocam entre os seres humanos, fazendo a paz por meio de sua cruz.

São Paulo escreve: “Mas agora em Cristo Jesus, você que já esteve longe, foi trazido para perto no sangue de Cristo. Pois ele é a nossa paz, que fez de nós dois um, e derrubou o muro de divisão

da hostilidade, abolindo em sua carne a lei dos mandamentos e ordenanças, a fim de criar em si um novo homem em vez de dois, e assim, fazer a paz e poder reconciliar-nos a Deus em um corpo através da cruz, pondo fim à hostilidade” (Ef 2.13-16).

O racismo na igreja envenena e paralisa todos os esforços sinceros “para manter a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4.3). Características físicas ou costumes culturais são feitos para servir como “um muro divisor de hostilidade” que separa irmãos e irmãs em Cristo – ao qual a única resposta apropriada deve ser: “Cristo está dividido?” (1Co 1.13).

Amor produzido nos cristãos pelo Espírito Santo abraça, sem distinção, todas as pessoas em sua necessidade.

Em primeiro lugar na lista “do fruto do Espírito” que caracteriza a vida daqueles libertados da tirania de sua carne do pecado está o amor (Gl 5.22; cf. 5.13-26). O “novo mandamento” dado por Jesus a Seus discípulos é que eles se amem como Ele os amou, pois “com isso todos os homens saberão que vocês são meus discípulos, se tiverem amor um pelo outro” (João 13.35; cf. 1 João 2.8-11; 4.20-5.3; Fl 2.4-5). O Salvador requer de Seus discípulos que amem todos aqueles que encontram na vida. Uma característica distintiva do amor que Ele cria pelo Seu Espírito é o seu caráter não discriminatório. Assim como “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho único”, agora os que vivem pela fé no Filho de Deus devem viver em amor para com todas as pessoas - um amor tornado possível somente pelo poder do Espírito de Deus trabalhando através da Palavra e dos Sacramentos.

Através dos meios da graça, o Espírito Santo trabalha dentro do contexto de todas as culturas para trazer as pessoas à fé em Jesus Cristo e para movê-las a adorá-lo.

Deus não é dependente de um grupo ou de outro para tornar efetivo o Evangelho e os Sacramentos. Antes, Ele entra em Sua criação e se comunica com os seres humanos em termos que são compreensíveis para eles em suas diferenças. O dia de Pentecostes demonstra isso dramaticamente. Os apóstolos proclamaram a Palavra de Deus às pessoas “de todas as nações debaixo do céu”. Cada pessoa “os ouviu falando em sua própria língua” (Atos 2.5-6).

Através dos meios da graça, Deus capacita os cristãos “a se absterem das paixões da carne que fazem guerra contra a alma”, incluindo o pecado do racismo.

O Evangelho nos faz novas criaturas por meio do Espírito Santo, permitindo-nos descartar os pecados da vida não regenerada (1 Pedro 1.12, 22-23; 2.1-3; 4.1-5). Assim como falar mal dos outros, brigar, malícia e ódio contra os outros estavam longe da mente de Cristo, também as mentes daqueles que foram regenerados no Batismo devem estar livres de tais males. Da mesma forma, a Ceia do Senhor nos une à humanidade plena e completa dAquele que é o Criador de tudo e o Salvador de todos. Nós, cristãos, não devemos subestimar o mal do racismo no coração humano, mas devemos retornar diariamente em arrependimento ao Cristo que nos ama, para que também neste assunto a vitória da graça e do amor do próprio Cristo se manifeste em nossas vidas pessoais.

Com base no que a Bíblia ensina sobre o racismo, a Igreja Luterana – Sínodo de Missouri adotou numerosas resoluções ao longo dos anos, chamando seus membros (tanto individual quanto corporativamente) a se arrependerem de atitudes e ações racistas, a combater o racismo tanto na igreja quanto no mundo e alcançarem com o abrangente Evangelho de Cristo Jesus a pessoas de todas as raças e grupos étnicos (por exemplo, Res. 1969 9-04; Res. 1969 4-4 e 1971 Res. 4-32 e 9-32; Res. 1973 9-22; 1977 Res. 10-18A; 1979 Res. 4-11; 1981 Res. 8-07; 1983 Res. 1-18; 1992 Res. 1-06 e 3-03). Em 1994, a Comissão de Teologia e Relações da Igreja do Sínodo preparou um relatório sobre o *Racismo e a Igreja: Superando a Idolatria*, que foi distribuído por toda a igreja e foi recomendado pelo Sínodo para estudo e conversação (1995 Res. 2-05A).

ENTÃO, COMO LIDAR COM O RACISMO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CRISTÃ LUTERANA?

Após os eventos em Charlottesville, Virgínia, o professor Leopoldo Sánchez trouxe uma importante reflexão intitulada *Racismo, Lidando Com Ele*.¹³ Como ele afirma, “em um mundo pecaminoso, o racismo não

13 Disponível em: <<https://concordiatheology.org/2017/08/racism-dealing-with-it/>>. (tradução nossa). Acesso em: 7 out.2019.

desaparece” (2017). Porém, em vez de apenas constatar o que é óbvio, o fato de que o racismo é, antes de tudo, um pecado, Sánchez indica algumas maneiras práticas de enfrentá-lo e lidar de frente com ele. Para ele, demonstrações públicas de racismo nos oferecem algumas oportunidades. A primeira delas é a oportunidade para o arrependimento. Não apenas para o arrependimento do outro, mas para o *meu* próprio arrependimento. O que, segundo ele é “realmente mais difícil do que condenar o racismo em geral, porque faz do racismo meu problema pessoal. Aqui pecamos por comissão e omissão”:

A carne pecaminosa encontra todos os tipos de maneiras sorrateiras para evitar lidar de frente com o racismo e o etnocentrismo. Portanto, a melhor primeira resposta é simplesmente se arrepender: “*Pecamos contra ti em pensamentos, palavras e ações, pelo que fizemos e pelo que deixamos de fazer.*” E depois esperar pela resposta de Deus, confiando em sua misericórdia: “*Eu perdoo todos os teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*” Neste ritmo cíclico de arrependimento, contrição e absolvição, os cristãos aprendem a viver diariamente sob o signo do seu batismo em Cristo, afogando a carne pecaminosa para que uma nova criatura possa nascer todos os dias (SÁNCHEZ, 2017).

Em segundo lugar, demonstrações públicas de racismo oferecem uma oportunidade para a vigilância. “Ser vigilante não é fechar os olhos ao racismo, fingindo que ele não existe *realmente* entre pessoas ‘boas’ como nós, mas apenas entre algumas maçãs ‘ruins’ por aí”. Em vez disso, “os cristãos reconhecem abertamente que a vida é uma peregrinação grosseira no deserto, onde somos constantemente vulneráveis às seduções do maligno, incluindo a ideia de que somos superiores aos outros de alguma forma”:

Ninguém está imune a essas seduções. Portanto, a resposta adequada ao racismo não é negar nossa vulnerabilidade a ele, mas simplesmente estar vigilante e orar: “*Não nos deixeis cair em tentação, mas nos livre do mal*”; e “*Que seu santo anjo esteja conosco, para que o inimigo maligno não tenha poder sobre nós*” (SÁNCHEZ, 2017).

Em decorrência disso, demonstrações públicas de racismo oferecem uma oportunidade para o serviço. Sánchez (2017) afirma que o racismo é uma expressão de egocentrismo. É um amor de si mesmo que ama apenas aqueles que se parecem com você. É uma manifestação daquilo que Lutero chamou de nosso ser curvado em nós mesmos. O serviço, porém, nos leva para *fora* de nós mesmos, para longe de um amor desorientado de nós mesmos e para dentro do domínio do outro, que é diferente de nós.

Começamos a ver a vida em termos da dor dos outros, incluindo aqueles cuja raça e etnia os tornam objeto de palavras e atos ofensivos, e ousamos falar em seu nome e defendê-los quando são retratados da pior maneira possível ou se suas vidas são ameaçadas de alguma maneira – mesmo que sofram por isso (SÁNCHEZ, 2017).

Dessa forma, demonstrações públicas de racismo também oferecem uma oportunidade para a hospitalidade. Conforme Sánchez, em um mundo em que nossas igrejas e comunidades muitas vezes permanecem isoladas, começamos a nos sentir confortáveis com aqueles que se parecem e falam como nós. Temos dificuldade em atravessar fronteiras raciais, étnicas, culturais e sociais para chegar até o outro. Talvez o medo do desconhecido nos bloqueie. Talvez o conforto em demasia nos deixe estagnados. Podemos procurar a razão que quisermos, mas seja ela qual for, estamos perdendo. “E se Deus nos surpreender no outro lado da fronteira e abençoar ricamente nossas vidas com próximos que parecem e falam de maneira diferente?” (2017, grifo nosso).

Jesus era de Nazaré, na Galileia, de onde não vem nada de bom. Devido à sua proximidade com os gentios, os galileus eram vistos como menos puros e sábios. No entanto, Deus nos surpreende e opera sua salvação por meio de um galileu! E é da suspeita Galileia que Jesus envia seus discípulos galileus para fazer discípulos batizando e ensinando. Aqui, novamente, Deus desafia as expectativas humanas comuns. Em seu próprio ministério, Jesus atravessou para dentro da vida de samaritanos, estranhos e estrangeiros de raça mista e religião considerados inimigos de Deus. O Espírito de Jesus moveu Filipe em Atos a cruzar para dentro da terra dos samaritanos, onde o evangelista os recebeu no reino de Deus pelo

batismo em nome de Jesus, e os samaritanos receberam o dom do Espírito Santo. A casa de Deus é ampla e todas as raças têm um lugar à mesa. Por meio dessas histórias de boas-vindas divinas, aprendemos que a justificação diante de Deus não é pela raça, mas pela graça. (SÁNCHEZ, 2017, grifo nosso).

Por último, demonstrações públicas de racismo oferecem uma oportunidade para a devoção. Por negar a beleza da criação, que não vem de outra maneira senão em muitas cores diferentes, bem como o dom da igreja, na qual Deus reuniu para si mesmo, por meio de sua Palavra, um povo de diferentes nações, raças e línguas, o racismo atrapalha a devoção adequada ao próprio Deus. A verdadeira adoração, contudo, recebe com alegria os dons da criação e redenção de Deus, e isso se dá quando reconhecemos que, quando estamos diante de outro ser humano, estamos diante da própria criação de Deus.

Ao descansar nas promessas de Deus da criação e da nova criação, os cristãos aprendem a olhar mais uma vez para os próximos de diferentes raças através dos olhos da fé e do amor – ou seja, como as preciosas criaturas do próprio Deus por quem Cristo deu sua vida. Eles também aprendem a dar graças e louvar a Deus pelas vidas e dons que os novos próximos lhes trazem pessoalmente, bem como para a igreja e nosso mundo. E sim, eles aprendem a se alegrar na companhia um do outro e a brincar juntos (SÁNCHEZ, 2017, grifo nosso).

Portanto, respondemos ao racismo, seja ele grosseiro ou sutil, não apenas em público, mas em todos os momentos aproveitando essas oportunidades que são colocadas diante de nós: com arrependimento, para as nossas vidas espirituais; com vigilância, olhando para fora de nós mesmos; como um servo, indo em direção aos excluídos e lhes oferecendo acolhimento; e por último, com devoção para o Doador de todas as dádivas. No entanto, segundo Sánchez (2017), “essa imagem da vida é, naturalmente, um encargo e tanto para qualquer pessoa cumprir por conta própria. Inevitavelmente, ficaremos aquém ao lidar com impulsos racistas e etnocêntricos”. Por isso precisamos recorrer àquele que é e está além de nós:

[...] a graça de Cristo é abundante e ele nos dá seu Espírito para prover o que é necessário ao longo da jornada. Se houver falta de arrependimento, o Espírito matará o pecador em nós para nos fazer vivos. Se houver falta de vigilância em meio às seduções do mal, o Espírito nos fará vigilantes e responsáveis uns com os outros em nossos pensamentos, palavras e ações. Se houver falta de serviço e hospitalidade, o Espírito aquecerá nossos corações frios para com o outro estranho e produzirá seu fruto em nossas vidas, levando-nos a nos envolver em atos de sacrifício e acolhimento em favor dos próximos marginalizados. Se houver falta de devoção, o Espírito nos dará descanso em Deus para recuar e contemplar a beleza colorida de sua criação na face de nossos próximos. Então venha, Espírito Santo! Nós precisamos de você! (SÁNCHEZ, 2017).

CONSIDERAÇÕES

O presente artigo analisou alguns dos principais argumentos utilizados na discussão e debate acerca do tema “racismo”, desde o campo da linguística, da biologia até o testemunho bíblico, com o fim de proporcionar à igreja e à sociedade em geral uma reflexão sadia, baseada no princípio da dignidade humana, intrínseco a todas as pessoas, enquanto seres criados por Deus e redimidos por Jesus Cristo. Notou-se que as muitas posições defendidas por aqueles que aprovam o racismo ou etnocentrismo, seja em alguns seguimentos da área da interpretação bíblica ou no âmbito científico-biológico, carecem de lógica em sua estrutura argumentativa, sendo motivadas por pressupostos alheios às evidências advindas das pesquisas. As conclusões daqueles que são contrários ao racismo, à exceção dos argumentos que partem de pressupostos individuais, em sua grande maioria, tanto as pesquisas biológicas como teológicas, mostram maior consistência com a realidade. A contribuição da teologia luterana para o tema está na abordagem da questão do racismo não a partir de um viés antropológico ou biológico, mas cristológico, o qual retoma um aspecto essencial para a discussão, que por muito foi negligenciado: para que suas resoluções certamente não sejam tortas, discriminatórias ou imparciais, Cristo precisa estar entretecido também nessa discussão, pois ele é a única cura, o único remédio para todo e qualquer pecado, inclusive, para o racismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Kerby. *Christian ethics in plain language*. Nashville: Thomas Nelson, 2005.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo: antigo e novo testamento*. Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- COMMISSION ON THEOLOGY AND CHURCH RELATIONS (CTCR). *Racism: A Christian Response*. Outubro de 1996. The Lutheran Church–Missouri Synod (LCMS) Disponível em: <<https://www.lcms.org/social-issues/racism>>. Acesso em: 7 out.2019.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- KAISER Jr., Walter C. *O Cristão e as Questões Éticas da Atualidade*. Um Guia Bíblico para Pregação e Ensino. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1991.
- LUTERO, Martinho. *Luther Work's*, vol. 2: Lectures on Genesis – *Chapters 6-14*. (PELIKAN, J. J.; POELLOT, D. E. (Orgs.). SCHNICK, G. V. (Tran.)). Saint Louis: Concordia Publishing House, 1960.
- NASH, Peter Theodore. Negros e protestantismo: reflexos norte-americanos compartilhados com brasileiros. In: KOCH, Ingelore Starke (Org.). *Brasil: Outros 500*. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal, COMIN, IEPG, 1999.
- NERBAS, Paulo Moisés. *Sistemática II: Doutrinas Básicas da Igreja Cristã*. Anotações em aula. Canoas, ULBRA, 2015.
- PINTO, Ziraldo Alves. *O aspite: há um jeito pra tudo*. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- SÁNCHEZ, Leopoldo. *Racism, dealing with it*. 14 ago.2017. Disponível em: <<https://concordiatheology.org/2017/08/racism-dealing-with-it/>>. Acesso em: 7 out.2019.
- SOUZA, Simone Maria de; LUCENA, Maria de Fátima Gomes de. O Conceito de Raça na Sociologia Contemporânea. *Sociedade Brasileira de Sociologia*. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2011. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=80&limit=150&limitstart=0&order=hits&dir=-DESC&Itemid=171> acesso em 12 mai. 2021.

- WENHAN, Gordon J. *Números: Introdução e Comentário*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paul:, Vida Nova e Mundo Cristão, 1985.
- WESTPHAL, Euler Renato. *Ciência e Bioética: um olhar teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- WINGREN, Gustaf. *A Vocação Segundo Lutero*. Canoas: Editora da ULBRA, 2006.